AVALIAÇÃO FORMATIVA NOS ANOS INICIAIS: O ACOMPANHAMENTO DAS APRENDIZAGENS COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA: REGISTROS, INTERVENÇÕES E DEVOLUTIVAS NO PROCESSO DE ENSINO

THAMIRIS PAOLLA MORAES PEIXOTO GONÇALVES

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar a avaliação formativa nos anos iniciais do Ensino Fundamental como prática pedagógica de acompanhamento das aprendizagens e reorganização do ensino. A reflexão parte da compreensão de que avaliar não se limita a atribuir notas, classificar desempenhos ou registrar resultados finais, mas envolve observar processos, identificar necessidades, reconhecer avanços e planejar intervenções capazes de favorecer a aprendizagem de todos os estudantes. A pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, de abordagem qualitativa e caráter exploratório, fundamentada em autores que discutem avaliação educacional, prática docente, mediação pedagógica e aprendizagem, além de documentos legais e orientadores da educação brasileira. Ao longo do estudo, evidencia-se que a avaliação formativa permite ao professor compreender melhor os percursos dos estudantes, acompanhar suas hipóteses, registrar evidências, organizar agrupamentos produtivos e propor intervenções adequadas às dificuldades observadas. Discute-se também a importância dos registros pedagógicos, das devolutivas aos estudantes e da parceria entre escola e família no acompanhamento da aprendizagem. As considerações finais indicam que a avaliação formativa contribui para uma prática docente mais reflexiva, democrática e comprometida com o direito de aprender, pois transforma os resultados observados em ponto de partida para novas ações pedagógicas. Conclui-se que avaliar formativamente é acompanhar, intervir, dialogar e planejar continuamente, reconhecendo que a aprendizagem é um processo em construção e que cada estudante necessita de oportunidades reais para avançar.

PALAVRAS-CHAVE: Avaliação formativa; Anos iniciais; Aprendizagem; Prática docente; Intervenção pedagógica.

ABSTRACT

This article aims to analyze formative assessment in the early years of elementary education as a pedagogical practice for monitoring learning and reorganizing teaching. Based on qualitative bibliographic research, the study discusses assessment as a continuous process that involves observation, records, feedback and pedagogical intervention. The final considerations indicate that formative assessment contributes to a more reflective and democratic teaching practice, focused on students' learning needs and on the right to learn.

KEY-WORDS: Formative assessment; Early years; Learning; Teaching practice; Pedagogical intervention.

INTRODUÇÃO

A avaliação escolar ocupa lugar central no trabalho docente, especialmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental, etapa em que as crianças constroem conhecimentos fundamentais para sua trajetória escolar. Nesse período, avaliar não deve ser compreendido apenas como verificar o que o estudante acertou ou errou ao final de uma sequência de atividades. A avaliação precisa ser entendida como parte do processo de ensino e aprendizagem, pois oferece ao professor informações importantes sobre o que os estudantes já sabem, quais conhecimentos estão em construção e quais intervenções são necessárias para que avancem.

Historicamente, muitas práticas avaliativas estiveram associadas à classificação, à atribuição de notas e à comparação entre estudantes. Nessa perspectiva, a avaliação aparece como momento final, muitas vezes desvinculado do planejamento pedagógico e centrado no resultado. No entanto, os desafios do cotidiano escolar demonstram que esse modelo é insuficiente para compreender a complexidade da aprendizagem. Crianças aprendem em ritmos diferentes, utilizam estratégias diversas, apresentam hipóteses próprias e necessitam de mediações

específicas para consolidar determinados conhecimentos.

Nos anos iniciais, a avaliação formativa torna-se uma prática essencial, pois permite acompanhar continuamente o desenvolvimento dos estudantes em leitura, escrita, oralidade, matemática, participação, autonomia e convivência. A partir de observações, registros, atividades diagnósticas, sondagens, produções escritas, rodas de conversa, jogos e situações-problema, o professor consegue analisar melhor as necessidades da turma e reorganizar suas ações. Dessa forma, a avaliação deixa de ser um instrumento de controle e passa a ser um recurso de compreensão e intervenção pedagógica.

A Base Nacional Comum Curricular destaca a importância de práticas pedagógicas comprometidas com o desenvolvimento integral dos estudantes e com a garantia das aprendizagens essenciais (BRASIL, 2018). Esse compromisso exige que o professor avalie de maneira contínua, considerando não apenas conteúdos, mas também processos, estratégias, participação e avanços. A avaliação formativa dialoga com essa perspectiva ao compreender que os resultados observados devem orientar o planejamento, e não apenas registrar desempenho.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional também contribui para esse debate ao apontar a avaliação contínua e cumulativa do desempenho do estudante, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos (BRASIL, 1996). Essa orientação reforça a necessidade de olhar para a aprendizagem como processo, valorizando os caminhos percorridos e não apenas os resultados finais. Nos anos iniciais, essa compreensão é ainda mais importante, pois as crianças estão construindo bases cognitivas, sociais e afetivas que influenciam sua relação com o conhecimento.

O problema que orienta este artigo é: como a avaliação formativa pode contribuir para o acompanhamento das aprendizagens e para a organização de intervenções pedagógicas nos anos iniciais? A partir dessa questão, busca-se refletir sobre a importância da avaliação como prática cotidiana, capaz de apoiar o professor na tomada de decisões e de favorecer o avanço dos estudantes.

O objetivo geral do estudo é analisar a avaliação formativa nos anos iniciais como estratégia de acompanhamento das aprendizagens e reorganização do ensino. Como objetivos específicos, pretende-se compreender o conceito de avaliação formativa, discutir a importância dos registros pedagógicos, refletir sobre o papel das devolutivas no processo de aprendizagem e destacar a relação entre avaliação, intervenção pedagógica e direito de aprender.

A escolha do tema justifica-se pela necessidade de fortalecer práticas avaliativas mais humanizadas, reflexivas e comprometidas com o desenvolvimento dos estudantes. Em muitas situações, os professores realizam observações importantes no cotidiano, mas nem sempre conseguem sistematizá-las em registros que orientem o planejamento. Assim, discutir a avaliação formativa é também discutir a organização do trabalho docente, a escuta pedagógica, o acompanhamento individual e coletivo e a construção de uma escola que avalia para ensinar melhor.

Quanto à metodologia, este artigo caracteriza-se como pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e caráter exploratório. A investigação fundamenta-se em autores que discutem avaliação educacional e prática docente, como Luckesi, Hoffmann, Hadji, Perrenoud, Freire e Zabala, além de documentos legais e orientadores da educação brasileira. A pesquisa bibliográfica permite reunir contribuições teóricas para compreender a avaliação formativa como prática essencial ao acompanhamento da aprendizagem nos anos iniciais.

AVALIAÇÃO ESCOLAR E APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS

A avaliação escolar deve ser compreendida como parte integrante do processo de ensino e aprendizagem. Nos anos iniciais do Ensino Fundamental, essa compreensão é indispensável, pois as crianças estão em processo de construção de conhecimentos básicos relacionados à leitura, à escrita, à mate-

mática, à oralidade, à convivência e à autonomia. Avaliar, nesse contexto, significa observar de que forma cada estudante se aproxima dos objetos de conhecimento, quais estratégias utiliza, quais dúvidas apresenta e quais avanços demonstra ao longo do percurso.

A criança que inicia sua trajetória escolar não chega à escola sem saberes. Ela traz experiências, linguagens, hipóteses, modos de resolver problemas, formas de comunicação e conhecimentos construídos em sua vida familiar e social. A avaliação, quando realizada de maneira formativa, ajuda o professor a reconhecer esses saberes e a planejar propostas que dialoguem com eles. Esse olhar evita que a prática pedagógica parta de uma ideia abstrata de estudante e permite que o ensino seja organizado com base nas necessidades reais da turma.

Luckesi (2011) defende que a avaliação deve estar a serviço da aprendizagem e da tomada de decisão pedagógica. Para o autor, avaliar não é apenas julgar, aprovar ou reprovar, mas diagnosticar uma realidade para intervir sobre ela. Essa concepção aproxima a avaliação de uma prática ética, pois coloca o estudante no centro do processo e exige que o professor utilize as informações obtidas para favorecer seu desenvolvimento. Assim, o erro deixa de ser visto apenas como falha e passa a ser compreendido como indício do pensamento do estudante.

Nos anos iniciais, os erros das crianças revelam muito sobre suas formas de pensar. Em uma produção escrita, por exemplo, uma hipótese não convencional pode mostrar como a criança compreende a relação entre fala e escrita. Em uma atividade matemática, um registro inadequado pode indicar como ela interpreta a sequência numérica, o valor posicional ou a relação entre quantidade e numeral. Quando o professor analisa essas produções com olhar pedagógico, consegue planejar intervenções mais adequadas.

Hoffmann (2001) destaca que a avaliação mediadora exige acompanhamento constante, diálogo e reflexão sobre os processos de aprendizagem. Avaliar, nessa perspectiva, não é interromper o ensino para medir resultados, mas acompanhar o estudante enquanto ele aprende. O professor observa, escuta, registra, intervém e reorganiza suas propostas. Esse movimento permite que a avaliação se torne uma prática viva, vinculada ao cotidiano da sala de aula.

A avaliação nos anos iniciais também precisa considerar o desenvolvimento integral da criança. Além dos conteúdos escolares, é necessário observar a participação, a curiosidade, a organização, a escuta, a interação com os colegas, a autonomia e a forma como o estudante enfrenta desafios. Esses aspectos não substituem a aprendizagem dos conteúdos, mas ajudam a compreender o contexto em que ela ocorre. Uma criança que apresenta dificuldade de concentração, insegurança ou pouca autonomia pode necessitar de estratégias específicas para conseguir participar das propostas pedagógicas.

Nesse sentido, a avaliação formativa contribui para que o professor conheça melhor sua turma e evite práticas padronizadas que não atendem às diferentes necessidades. Ao identificar grupos de estudantes com dificuldades semelhantes, o docente pode organizar intervenções em pequenos grupos, propor atividades diferenciadas, selecionar recursos adequados e acompanhar mais de perto aqueles que precisam de maior apoio. A avaliação, portanto, alimenta o planejamento e torna o ensino mais intencional.

A aprendizagem nos anos iniciais é processual e exige tempo, retomadas e situações variadas. Por isso, uma única atividade não é suficiente para definir o desenvolvimento de uma criança. É necessário reunir diferentes evidências: produções escritas, registros matemáticos, participação oral, atividades em grupo, respostas em jogos, leituras realizadas, desenhos, observações da rotina e devolutivas dos estudantes. Quanto mais diversificadas forem as evidências, mais justa e consistente será a avaliação.

AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA, FORMATIVA E SOMATIVA

No contexto escolar, diferentes modalidades de avaliação podem ser utilizadas com finali-

dades distintas. A avaliação diagnóstica tem como principal objetivo identificar conhecimentos prévios, dificuldades e necessidades de aprendizagem antes ou durante o desenvolvimento de uma proposta. Ela permite ao professor compreender o ponto de partida dos estudantes e planejar intervenções coerentes com a realidade da turma. Nos anos iniciais, sondagens de escrita, leitura e números são exemplos importantes de instrumentos diagnósticos.

A avaliação formativa, por sua vez, ocorre ao longo do processo de ensino. Seu objetivo não é apenas registrar o resultado, mas acompanhar a construção da aprendizagem e orientar ajustes no planejamento. Ela permite ao professor perceber se a estratégia utilizada está favorecendo a compreensão, se determinado grupo precisa de retomada, se alguns estudantes necessitam de apoio individualizado ou se é possível avançar para novos desafios. A avaliação formativa, portanto, tem função reguladora da prática pedagógica.

A avaliação somativa costuma acontecer ao final de uma etapa, unidade, bimestre ou sequência didática, com o objetivo de sintetizar o desempenho alcançado. Ela também pode ser importante, desde que não seja a única forma de avaliar. O problema ocorre quando a avaliação escolar se limita ao momento somativo e desconsidera todo o percurso. Nos anos iniciais, uma avaliação centrada apenas no produto final pode não revelar adequadamente os avanços das crianças, especialmente daquelas que estão em processos iniciais de aprendizagem.

Hadji (2001) aponta que a avaliação formativa se caracteriza por sua capacidade de informar o ensino e ajudar o estudante a aprender. Isso significa que a avaliação precisa produzir informações úteis. Se um registro avaliativo não orienta nenhuma intervenção, corre o risco de tornar-se apenas burocrático. Para ser formativa, a avaliação precisa responder a perguntas como: o que o estudante já sabe? O que ainda precisa aprender? Que tipo de apoio favorece seu avanço? Que estratégia precisa ser modificada?

Perrenoud (1999) também contribui ao afirmar que a avaliação formativa está relacionada à regulação das aprendizagens. O professor avalia para ajustar o ensino às necessidades dos estudantes, e não apenas para classificar. Essa regulação pode ocorrer de diferentes formas: retomando uma explicação, propondo outra atividade, reorganizando agrupamentos, oferecendo recursos visuais, ampliando o tempo, modificando a mediação ou planejando novas situações de aprendizagem.

Nos anos iniciais, a articulação entre avaliação diagnóstica, formativa e somativa pode fortalecer o trabalho docente. A avaliação diagnóstica ajuda a identificar o ponto de partida; a formativa acompanha o percurso; e a somativa organiza uma síntese do que foi alcançado. Entretanto, a centralidade deve estar no uso pedagógico das informações. Avaliar não pode ser apenas preencher documentos, mas compreender a aprendizagem para orientar decisões.

Um exemplo dessa articulação ocorre no processo de alfabetização. Ao realizar uma sondagem de escrita, o professor identifica as hipóteses das crianças. Durante as aulas seguintes, observa como elas respondem às intervenções, que letras reconhecem, como relacionam sons e escrita, se avançam na leitura de palavras ou se permanecem com dificuldades. Ao final do bimestre, organiza uma síntese do percurso. Nesse processo, a avaliação não é um momento isolado, mas acompanha todo o trabalho pedagógico.

Na matemática, a mesma lógica se aplica. O professor pode diagnosticar conhecimentos sobre contagem, escrita de números, comparação de quantidades e resolução de problemas. Ao longo das atividades, observa se os estudantes usam materiais concretos, se contam com correspondência um a um, se reconhecem numerais, se compreendem a sequência numérica e se conseguem explicar seus procedimentos. Esses dados orientam intervenções, jogos, desafios e retomadas.

REGISTROS PEDAGÓGICOS E ACOMPANHAMENTO DAS APRENDIZAGENS

A avaliação formativa exige registros pedagógicos consistentes. A observação cotidiana é importante, mas pode se perder se não for sistematizada. O professor acompanha muitos estudantes, diferentes atividades, situações de convivência, produções e intervenções. Por isso, registrar é uma forma de organizar a memória pedagógica da turma e tornar visíveis os avanços e necessidades de cada criança.

Os registros podem assumir diferentes formatos: planilhas de acompanhamento, portfólios, anotações individuais, fichas de observação, relatórios, registros fotográficos, produções dos estudantes, mapas de hipóteses de escrita, registros de leitura, atividades de matemática e observações sobre comportamento e participação. O mais importante é que esses registros sejam utilizados para orientar o planejamento. Não basta acumular documentos; é necessário interpretá-los pedagogicamente.

O portfólio é um instrumento relevante nos anos iniciais, pois permite acompanhar a trajetória do estudante ao longo do tempo. Ao reunir produções de diferentes momentos, o professor consegue observar avanços que poderiam passar despercebidos em avaliações isoladas. Uma criança pode ainda apresentar dificuldades, mas demonstrar progresso em relação às suas produções anteriores. Essa comparação consigo mesma é fundamental para uma avaliação mais justa e formativa.

Os registros também ajudam a planejar agrupamentos produtivos. Ao identificar estudantes em momentos semelhantes do processo de alfabetização ou com dificuldades próximas em matemática, o professor pode organizar pequenos grupos para intervenções específicas. Esses agrupamentos não devem ser fixos ou rotuladores, mas flexíveis, reorganizados conforme os avanços observados. A avaliação formativa permite justamente perceber quando um estudante precisa mudar de grupo, receber outro desafio ou ter uma retomada específica.

Na alfabetização, os registros das hipóteses de escrita são fundamentais. Eles permitem acompanhar se a criança se encontra em hipótese pré-silábica, silábica, silábico-alfabética ou alfabética, considerando as características de suas produções. A partir dessa análise, o professor pode selecionar atividades adequadas: para alguns estudantes, será necessário intensificar o trabalho com nome próprio, alfabeto e consciência fonológica; para outros, será importante propor escrita de palavras, frases, pequenos textos e revisão.

Em matemática, os registros ajudam a compreender como os estudantes constroem o Sistema de Numeração Decimal, realizam contagens, escrevem numerais e resolvem situações-problema. Um estudante pode saber recitar a sequência numérica, mas ainda não relacionar número e quantidade; outro pode contar objetos, mas apresentar dificuldades no registro convencional; outro pode resolver problemas oralmente, mas não conseguir registrar o procedimento. Esses detalhes são importantes para planejar intervenções.

Freire (1996) afirma que ensinar exige reflexão crítica sobre a prática. Os registros pedagógicos favorecem essa reflexão, pois permitem ao professor olhar para seu trabalho, analisar o que funcionou, identificar o que precisa ser modificado e planejar novas ações. A avaliação formativa, nesse sentido, não avalia apenas o estudante; ela também convida o professor a avaliar sua própria prática.

É importante que os registros sejam objetivos, respeitosos e pedagógicos. Em vez de registrar apenas que o estudante 'não sabe' ou 'não faz', é mais produtivo descrever o que ele realiza, em quais situações precisa de apoio e quais intervenções podem favorecer seu avanço. Uma escrita pedagógica cuidadosa evita rótulos e contribui para uma compreensão mais ampla do estudante.

Os registros também podem subsidiar reuniões com coordenação, conselhos de classe e diálogos com as famílias. Quando o professor possui evidências concretas, consegue apresentar o percurso do estudante com mais clareza, indicando avanços, dificulda-

des e estratégias utilizadas. Isso fortalece o acompanhamento coletivo e evita que as discussões se baseiem apenas em impressões gerais.

DEVOLUTIVAS E INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

A avaliação formativa não se completa sem devolutivas e intervenções. Observar e registrar são etapas importantes, mas é a partir da devolutiva que o estudante pode compreender melhor seu processo e participar de sua própria aprendizagem. Nos anos iniciais, as devolutivas precisam ser claras, acolhedoras e adequadas à idade das crianças. Elas podem ocorrer oralmente, durante uma atividade, em uma conversa individual, em pequenos grupos ou em momentos coletivos de revisão.

A devolutiva não deve ser apenas apontamento de erro. Quando o professor diz à criança o que ela conseguiu fazer, o que pode melhorar e como pode avançar, contribui para que ela desenvolva confiança e consciência sobre sua aprendizagem. Uma devolutiva formativa valoriza o esforço, reconhece avanços e orienta o próximo passo. Isso é especialmente importante nos anos iniciais, pois a forma como a criança vivencia a avaliação pode influenciar sua relação com a escola e com o conhecimento.

Em uma atividade de escrita, por exemplo, a devolutiva pode ajudar o estudante a observar se colocou letras suficientes para representar a palavra, se usou letras que fazem relação com os sons, se deixou espaços entre as palavras ou se pode reler o que escreveu. O professor não precisa corrigir tudo de uma vez. Ao contrário, uma intervenção formativa seleciona o aspecto mais importante para aquele momento, respeitando a hipótese da criança e evitando excesso de informação.

Na matemática, a devolutiva pode acontecer quando o professor pede que o estudante explique como pensou, compare sua estratégia com a de um colega, confira a contagem, use material concreto para verificar uma resposta ou represente de outra forma o mesmo problema. Essas intervenções ajudam a criança a refletir sobre seus procedimentos e a construir novas estratégias. O erro, nesse caso, é transformado em oportunidade de aprendizagem.

Zabala (1998) destaca a importância de organizar o ensino a partir de intervenções ajustadas às necessidades dos estudantes. Isso significa que a avaliação precisa gerar ação. Se muitos estudantes apresentam dificuldade em determinada habilidade, o professor pode retomar coletivamente o conteúdo. Se apenas um grupo apresenta a dificuldade, pode organizar intervenção específica. Se um estudante necessita de apoio individual, pode propor acompanhamento mais próximo. Essa flexibilidade é uma característica essencial da avaliação formativa.

As intervenções pedagógicas podem ocorrer de diferentes maneiras: atividades em pequenos grupos, jogos, uso de materiais concretos, leitura compartilhada, escrita coletiva, reescrita, produção com apoio, atividades em duplas, rodas de conversa, desafios progressivos, uso de imagens, recursos visuais e retomadas frequentes. O importante é que a intervenção esteja relacionada ao que foi observado na avaliação.

A família também pode participar do processo avaliativo, desde que a comunicação seja cuidadosa e pedagógica. Ao compartilhar informações sobre avanços e necessidades, a escola fortalece a parceria com os responsáveis. No entanto, é importante evitar uma comunicação centrada apenas nas dificuldades. A família precisa compreender o percurso da criança, as estratégias utilizadas pela escola e formas possíveis de apoio em casa, sem que a responsabilidade pedagógica seja transferida para os responsáveis.

A devolutiva ao estudante e à família precisa preservar a autoestima e o direito de aprender. Quando a avaliação é utilizada para expor, comparar ou rotular, ela perde sua função formativa. Por outro lado, quando é usada para orientar, apoiar e construir novos caminhos, torna-se uma prática de cuidado pedagógico. Nos anos iniciais, esse cuidado é essencial para que a criança se sinta capaz de aprender e se envolva nas propostas escolares.

A intervenção pedagógica também deve considerar os estudantes que apresentam maior autonomia. A avaliação formativa não serve apenas para identificar dificuldades, mas também para reconhecer avanços e propor novos desafios. Crianças que já consolidaram determinadas habilidades precisam de atividades que ampliem repertório, aprofundem conhecimentos e desenvolvam maior independência. Assim, a avaliação contribui para todos os estudantes, não apenas para aqueles que apresentam dificuldades.

MATERIAIS E MÉTODOS

A presente pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, de abordagem qualitativa e caráter exploratório. A pesquisa bibliográfica foi escolhida por permitir a análise de autores e documentos que discutem avaliação escolar, aprendizagem, prática docente e organização do ensino nos anos iniciais. Esse método possibilita reunir contribuições teóricas para compreender a avaliação formativa como prática pedagógica voltada ao acompanhamento e à intervenção.

A abordagem qualitativa justifica-se porque o estudo não busca medir resultados estatísticos, mas compreender sentidos e implicações pedagógicas da avaliação formativa. A avaliação escolar envolve dimensões humanas, didáticas, éticas e institucionais que não podem ser reduzidas a números. Por isso, a pesquisa qualitativa permite refletir sobre a forma como o professor observa, registra, interpreta e intervém no processo de aprendizagem dos estudantes.

O caráter exploratório está relacionado à intenção de ampliar a compreensão sobre o tema e organizar elementos que possam contribuir para a prática docente. A pesquisa explora conceitos como avaliação diagnóstica, avaliação formativa, registros pedagógicos, devolutivas, intervenção, planejamento e acompanhamento das aprendizagens. Esses conceitos são discutidos a partir de referenciais teóricos e documentos oficiais da educação brasileira.

Foram considerados como materiais de estudo livros e textos de autores reconhecidos na área da avaliação e da educação, como Luckesi, Hoffmann, Hadji, Perrenoud, Freire e Zabala, além de documentos legais e orientadores, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e a Base Nacional Comum Curricular. A seleção desses materiais ocorreu em razão de sua relevância para a compreensão da avaliação como parte do processo pedagógico.

A análise foi realizada por meio de leitura, organização e interpretação das ideias centrais dos autores e documentos selecionados. Em seguida, os conceitos foram relacionados ao problema de pesquisa, buscando compreender como a avaliação formativa pode contribuir para o acompanhamento das aprendizagens e para a organização de intervenções pedagógicas nos anos iniciais. Por se tratar de pesquisa bibliográfica, não houve aplicação de questionários, entrevistas ou coleta de dados em campo.

Embora a pesquisa não envolva estudo de caso, a discussão dialoga com situações comuns ao cotidiano escolar, especialmente nos anos iniciais, como sondagens, registros de observação, portfólios, atividades diagnósticas, dificuldades de alfabetização, desafios em matemática e necessidade de intervenções diferenciadas. Essa aproximação com a prática contribui para tornar a reflexão mais significativa para professores e equipes pedagógicas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise bibliográfica realizada permite afirmar que a avaliação formativa é uma prática essencial para o trabalho pedagógico nos anos iniciais. Os autores estudados apontam que avaliar não deve ser reduzido a atribuir notas ou classificar estudantes, mas compreendido como processo contínuo de observação, análise e intervenção. Essa compreensão modifica o papel da avaliação, que deixa de ser apenas instrumento de verificação e passa a ser recurso para melhorar o ensino e favorecer a aprendizagem.

Um dos principais resultados da discussão é a compreensão de que a avaliação formativa fortalece o planejamento docente. Quando o professor observa sistematicamente seus

estudantes, registra evidências e interpreta as produções, consegue planejar atividades mais adequadas. Isso evita propostas genéricas e permite organizar intervenções conforme as necessidades de cada grupo. Nos anos iniciais, essa prática é fundamental, pois a turma costuma apresentar grande diversidade de ritmos e hipóteses de aprendizagem.

A pesquisa também evidencia a importância do erro como indicador pedagógico. Em uma perspectiva classificatória, o erro pode ser visto como fracasso. Na avaliação formativa, ele é interpretado como sinal do pensamento do estudante. Essa mudança de olhar permite compreender o que a criança está tentando fazer, quais conhecimentos já mobiliza e quais aspectos ainda precisa construir. Assim, o erro orienta a intervenção e não apenas a correção.

Outro resultado relevante é a valorização dos registros pedagógicos. Sem registros, a avaliação tende a permanecer no campo da impressão subjetiva. Com registros organizados, o professor consegue acompanhar avanços, identificar permanências, comparar produções ao longo do tempo e dialogar com maior segurança com a coordenação e a família. Os registros também favorecem a continuidade do trabalho pedagógico, especialmente quando há troca de professor ou necessidade de encaminhamentos.

A discussão mostra ainda que a avaliação formativa contribui para a equidade. Ao reconhecer que os estudantes aprendem de formas diferentes, o professor pode propor estratégias diversificadas. Alguns estudantes precisam de atividades mais concretas, outros necessitam de maior desafio, outros requerem tempo ampliado ou apoio visual. A avaliação formativa ajuda a identificar essas necessidades e a organizar respostas pedagógicas mais justas.

Também se observa que a devolutiva é parte indispensável do processo. Avaliar formativamente significa comunicar ao estudante como ele está avançando e o que pode fazer para melhorar. Nos anos iniciais, essa comunicação precisa ser simples, acolhedora e orientadora. Quando a criança recebe uma devolutiva positiva e objetiva, compreende melhor o que se espera dela e se sente mais encorajada a tentar novamente.

A avaliação formativa favorece ainda a autonomia dos estudantes. Ao participar de momentos de revisão, comparação de estratégias, leitura de suas produções e reflexão sobre seus procedimentos, a criança começa a perceber que aprender envolve tentar, observar, corrigir, melhorar e avançar. Essa compreensão contribui para formar estudantes mais ativos, capazes de participar do próprio processo de aprendizagem.

A pesquisa também indica que a avaliação formativa exige condições institucionais. O professor precisa de tempo para registrar, planejar, analisar produções e organizar intervenções. A coordenação pedagógica tem papel importante nesse processo, apoiando a leitura dos dados, a definição de prioridades e a construção de estratégias. Quando a avaliação é assumida como responsabilidade coletiva da escola, o acompanhamento da aprendizagem torna-se mais consistente.

Dessa forma, os resultados reforçam que avaliar formativamente é uma prática de compromisso com o direito de aprender. Ao transformar observações em intervenções, registros em planejamento e dificuldades em novas oportunidades, a escola amplia as possibilidades de desenvolvimento dos estudantes. A avaliação formativa, portanto, não é uma tarefa a mais no cotidiano docente, mas uma forma de organizar o ensino de maneira mais consciente e efetiva.

CONCLUSÃO

O presente artigo teve como objetivo analisar a avaliação formativa nos anos iniciais como estratégia de acompanhamento das aprendizagens e reorganização do ensino. A partir da pesquisa bibliográfica realizada, foi possível compreender que a avaliação não deve ser reduzida à verificação de resultados finais, mas entendida como processo contínuo que acompanha o estudante, orienta o professor e favorece intervenções pedagógicas mais adequadas.

A discussão mostrou que a avaliação forma-

tiva contribui para uma prática docente mais reflexiva, pois permite identificar o que os estudantes já sabem, quais dificuldades apresentam e quais caminhos podem favorecer seus avanços. Nos anos iniciais, essa perspectiva é especialmente importante, pois as crianças estão construindo conhecimentos fundamentais e apresentam ritmos, hipóteses e necessidades diversas. Avaliar formativamente significa reconhecer essa diversidade e organizar o ensino a partir dela.

Também se conclui que os registros pedagógicos são instrumentos essenciais para tornar a avaliação mais consistente. Eles permitem acompanhar o percurso dos estudantes, comparar produções ao longo do tempo, planejar agrupamentos, organizar intervenções e dialogar com a equipe escolar e as famílias. Quando os registros são utilizados de forma reflexiva, deixam de ser documentos burocráticos e tornam-se ferramentas de planejamento.

Outro aspecto importante refere-se às devolutivas. A avaliação formativa precisa comunicar ao estudante seus avanços e seus próximos desafios. Essa comunicação, quando realizada de forma acolhedora e objetiva, fortalece a confiança da criança e contribui para sua participação ativa no processo de aprendizagem. A devolutiva também ajuda a transformar o erro em oportunidade, mostrando que aprender envolve tentativa, revisão e reconstrução.

Diante do problema de pesquisa proposto, conclui-se que a avaliação formativa contribui para o acompanhamento das aprendizagens porque permite compreender melhor o percurso dos estudantes e planejar intervenções intencionais. Ela favorece a reorganização do ensino, a equidade, a autonomia e o direito de aprender. Ao avaliar formativamente, o professor não apenas identifica dificuldades, mas constrói estratégias para enfrentá-las.

Por fim, considera-se que a avaliação formativa deve ser assumida como prática cotidiana e coletiva da escola. Ela exige tempo, planejamento, observação, registros, diálogo e compromisso pedagógico. Quando a avaliação está a serviço da aprendizagem, a escola se torna mais atenta aos processos dos estudantes e mais capaz de oferecer oportunidades reais de avanço. Assim, avaliar formativamente é ensinar com responsabilidade, acompanhar com sensibilidade e intervir com intencionalidade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HADJI, Charles. Avaliação desmistificada. Porto Alegre: Artmed, 2001.

HOFFMANN, Jussara. Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade. Porto Alegre: Mediação, 2001.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições. São Paulo: Cortez, 2011.

PERRENOUD, Philippe. Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens. Porto Alegre: Artmed, 1999.

ZABALA, Antoni. A prática educativa: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.